

Intervenções Urbanas em grupo - o graffiti capixaba entre 2005-2015: crews, sopas e agendas

Identificação:

Grande área do CNPq.: Linguística e Artes

Área do CNPq: Artes

Título do Projeto: Entre o Kitsch e o grotesco: a arte pública no ES ao longo da BR 101.

Professor Orientador: José Aparecido Cirillo

Estudante PIBIC/PIVIC: Isabela Machado Breda

Resumo: *Este trabalho buscou analisar e descrever o universo do graffiti em Vitória evidenciando como as manifestações urbanas em grupo, no Espírito Santo – ES, intervêm no espaço urbano. Para tal, metodologicamente, emergiu-se nos encontros com crews, e reuniões de grafiteiros e pixadores com trabalhos em campo, na rua, e por meio de entrevistas. Com algumas ações realizou-se algumas leituras a partir das estéticas apresentadas como as Agendas e Sopa de Letrinhas. Buscou-se uma análise do processo de criação das crews e como elas intervêm em eventos para essa temática. Utilizou-se autores como Franco (2009) e Augusto (2018) que estão envolvidos com a temática do graffiti e pixação. Com Salles (2017), pode-se ler sobre as interações que criam os processos artísticos e sociais apresentados na urbe, com resultados em suas interações pode-se analisar suas criações, seus processos de interação e como forma a ação dos trabalhos finalizados.*

Palavras chave: *Arte Pública, Graffiti, Pixação, Agenda, Sopa de Letrinhas.*

1 – Introdução:

O espaço urbano é propiciador das interações dos seres humanos, manifestações políticas, festas religiosas etc. A esta proposição da Arte Pública, que se diz caracterizar a nossa sociedade está ligada a um poder instaurado pelas elites de se afirmarem para o futuro e não deixar os feitos do passado em esquecimento. Exemplos de obras de intervenção política sobre monumentos históricos podem ser observados na obra “Deixa que eu empurro” (2017) intervenção no Monumento às Bandeiras em São Paulo – SP; esta intervenção busca evidenciar que este monumento institucional é um símbolo de repressão e violência da ‘povoação’ do país. Vários outros monumentos são carregados de crítica pelos artistas ativistas, como o Cristo Redentor (Rio de Janeiro), que é visto por todos os lados da cidade do Rio de Janeiro, uma proposta estética que não os deixa esquecer o conservadorismo que a religião impõe e reprime sobre a diversidade de expressão livre do ser. Podemos considerar também que muitos monumentos, como o Índio Araribóia (Vitória, ES) que representa um traidor pela população indígena, mas eleito herói pelos colonizadores. Em síntese, não podemos fechar os olhos para o fato de que cada obra inserida na cidade está carregada de um valor político e ideológico passível de críticas. Essa campo contestacional é o território de ação dos grafiteiros.

Assim, considerando que a arte pública é uma forma de preencher espaços urbanos, homenagear povos e pessoas, de lembrar esses fatos e personalidades às novas gerações que não presenciaram essa memória, e que muitas vezes não se sentem representadas por elas. Para tal, a formação estética para uma população que não a conhece e não as representa começa a ganhar na cidade, intervenções espontâneas.

Pereira (2011), dialoga sobre os abalos que as intervenções urbanas espontâneas causam na validação de uma obra de arte, sua aura. Esses abalos são: a saída dos museus e galerias; a não encomenda por parte do estado e sua efemeridade. E para o autor, essa descontextualização da obra de arte é exatamente a força que a arte urbana possui: ela atrai um outro tipo de atenção, um olhar dentro do caos do urbano que faço inferência com Pinheiro(p, 180, 2007) para chegar-se a questão dos grupos: “*mil jovens armados com pincéis e sprays para embaralhar a sinalética urbana, desfazer a ordem dos signos*”.

Knauss (2001), conta sobre os grupos de intervenções urbanas, desde os anos 1980 até 1990, nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, voltado para o campo performático, artístico e provocador, descrevendo sobre a afirmação que teve o grupo de Waldemar Zaidler, Alex Vallauri e Carlos Matuck por um estatuto de arte de inscrições urbanas, com o grupo Tupi-não-dá que reunia estudantes com o objetivo de realizar práticas performáticas na *urbe*, na qual tentavam lutar pela liberdade de expressão e a redemocratização do país, convidando outros grupos e coletivos para participarem de suas intervenções, como o grupo Cidade Muda. Outro grupo que chama atenção para o campo da arte é o 3nós3, que surgiu no final dos anos 1970, e que questionava a arte, a população, a mídia e o estado por meio de suas ‘intervensões’. A partir dos anos 1990, começa uma nova geração de artista da rua, com uma nova reformulação do graffiti, com a competitividade das crews, e o espalhamento de assinaturas pelas cidades KNAUSS (2001).

A construção do caos que apresento são os grupos que acionam essas intervenções nas cidades da Grande Vitória - GV no Espírito Santo - ES por meio do movimento do graffiti. Em meu relatório de Iniciação Científica 2016/2017, colhi dados, busquei conteúdo bibliográfico que pudesse refletir a pesquisa sobre o movimento do ES. Com a dissertação de Augusto (2018), pude compreender como no movimento graffiti há suas cenas, vertentes e tradições pelo campo da antropologia e etnografia dos sujeitos que compõem o cenário capixaba de prática, assim como cenas do graffiti e pixação. Para tal, exponho o que autora entrelaça sobre a cena capixaba:

A cena do graffiti extrapola a prática do graffiti, e tem como recorte um momento histórico com uma tradição estética que se modificou ao longo do tempo. Nesta tradição, o campo da arte teve influência e hoje faz parte da cena do graffiti as intervenções legais, os painéis, murais, telas, elementos de decoração e peças publicitárias, isso não é graffiti, mas compõe a cena. Em outro exemplo, em Vitória, a pixação compôs em determinado momento da história a cena do graffiti. AUGUSTO (p.51, 2018)

Discute-se neste relatório de pesquisa sobre as intervenções urbanas do movimento do graffiti capixaba recortadas no espaço temporal de 2005 a 2015. Descreve-se e analisa as crews, as Sopas de Letrinhas e agendas, Além disso, relato as experiências obtidas na pesquisa pela inserção de conhecer o movimento. Vale salientar que crews é como são denominados os coletivos de grafiteiros, que agem como um grupo de artistas Sopas de Letrinhas refere-sea união dos grafiteiros para realizar uma ação de graffiti, inserindo bombs.

2 – Objetivos

Descrever como as manifestações urbanas do tipo graffiti, realizados em grupos, no Espírito Santo intervêm no espaço urbano.

2.1 - Objetivos específicos

- Tomar conhecimento das crews atuantes no estado;
- Descrever o processo de criação da chamada Sopa de Letrinhas;
- Descrever o processo de criação das chamadas Agendas, assim denominadas pelos grafiteiros;

3 – Metodologia

A pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, que recolheu informações de redes sociais como Facebook e Instagram que foram usadas para contato e coleta de fotos. Centrou-se no trabalho de campo, tanto nos chamados ateliers dos grafiteiros, quanto nas ruas. Alguns encontros foram complementados com a observação participante e com entrevistas semiestruturadas para conhecer as crews. Utilizou-se como principal fonte de imagens a rede social Vício de Escrever, fundada por Mills, em 2012, que tem como objetivo guardar uma memória urbana da efemeridade encontrada no graffiti na Grande Vitória. Também houve o acompanhamento de algumas práticas como a folhinha e a construção da estética da sopa de letrinhas.

O trabalho teve como propósito levantar uma cartografia de pesquisador (ou pessoal) para descrever por onde deambulam esses sujeitos. Percorreu-se pelas cidades de Vitória, Serra e Vila Velha e por vezes Cariacica em que foi possível compreender o flunar dos grupos partindo para depois partir para as referências bibliográficas graffiti. Usou-se os títulos para graffiti, a dissertação de Tuani Augusto - Graffiti: um estudo da consolidação da cena da pixação em Vitória (2014 - 2018) e de Sérgio Franco, Ideografias da Metrópole: Grafiteiros e Pixadores em São Paulo 2009 representando o contemporâneo; e o artigo de Paulo Knauss - Grafite Contemporâneo (2001). Para as poéticas e processo de criação diálogo com o livro Processos de Criação em Grupo – Diálogos (2017), de Cecília Almeida Salles.

As referências apresentadas neste tópico serão um encontro e uma motivação para dialogar e refletir sobre a manifestação urbana e sua estética como a prática de processos, discutindo sobre as relações dos grupos na criação da paisagem urbana.

4 – Resultados e Discussão

Apresenta-se os resultados obtidos ao final da pesquisa que se conheceu 47 (quarenta e sete) crews atuantes e não atuantes que ainda se observam pela cidade. Famílias e Siglas que são fora do estado e que atuam com os autores capixabas somam-se 15 (quinze). Observou-se poucas Sopas de Letrinha na vertical mas na horizontal muitas. As Agendas são incontáveis, visto que pode se formar a qualquer momento e sempre ilegal, já as sopas de letrinha ocorrem em local e dia combinado e permitido pelo proprietário do estabelecimento. Com isso, parte para a discussão, apoiada na arte em que discute e reflete sobre as constâncias que a vida e a prática artística entrelaçam esses autores.

As crews mais antigas tiveram mais visibilidade no recorte temporal desta pesquisa, porém a partir de 2010, a cena de graffiti, de acordo com Augusto(2018), ganha maior visibilidade e que mostraremos ao longo da discussão. Em entrevistas com os sujeitos dessa cena do graffiti, encontra-se com um *boom* entre os anos 2011 e 2013, associados a vários momentos da história BREDA (2017) do movimento graffiti capixaba, com isso novos praticantes e novas crews foram se consolidando no estado e as famílias¹ estando presentes na rede que ocorre em todo o país com a pixação.

Para tal, inicia-se uma reflexão para a sociabilidade do praticar artístico, discutindo então sobre a importância de ser de um grupo e espalhar esse nome pela cidade. Franco (2009) nos responde sobre o sujeito que compõem as crews e o seu pertencimento:

Numa perspectiva humanista burguesa, os grafites poderiam ser um efeito da insatisfação do sujeito perante a insignificância de sua escala do incomensurável da metrópole. Mas, dentro de uma gangue, não existe distância no reconhecimento, as relações que aí se efetivam são próximas e cotidianas, não almejam ter uma representatividade passível de comparação com a escala da metrópole. Ninguém romperá com a obscuridade de si na multidão, mas terá o sentido de sua existência satisfeito pelo investimento de sentido do grupo. Se o cenário fosse maio de 68, tais escritas poderiam ter uma mensagem ou conteúdo, mas elas não foram estruturadas com esse propósito. (FRANCO, 2009, p. 29)

Para essa citação ressaltar em primeiro lugar o uso do grafite que Franco usa, pois em seus estudos - optou-se por essa grafia por entender que ela estava dicionarizada, porém há a ampla discussão dos termos graffiti *versus* grafite, já mencionada em pesquisa anterior (BREDA, 2017). Em seguida, volto com as relações que criam a paisagem urbana que de acordo com Franco (p 29, 2009) “não se dá em relação a uma proposição política ou ideológica”. Esses sujeitos querem fazer parte da metrópole e o fazem.

Após essa discussão sociológica que envolve a prática, partimos para analisar a estética envolvida nesse fazer. Esse notar do sujeito de se inscrever, se dá pela escrita. Os sujeitos do graffiti se codificam com letras formando uma sigla ou composta por números, com apelido e poucos usam seu nome ou sobrenome no ES. Com o tempo foi surgindo personagens nessa cena, é o que a Augusto (2018) constata em sua pesquisa:

Tanto o graffiti como a pixação, se encontram com a escrita. Não há divergências em chamar o bomb ou throw up de graffiti, e essa foi a expressão estética que prevaleceu por muito tempo na cena capixaba do graffiti, por influência das revistas de graffiti que chegavam por aqui, segundo FREDONE. Essa escrita esteve ligada no Espírito Santo ao nome das crews e dos seus escritores, e até hoje se faz presente tanto na cena do graffiti quanto da pixação. AUGUSTO (p 54, 2018)

¹ São grupos que se unem para espalhar uma mesma sigla por todo país.

É o caso das crews mais antigas, como: LDM - Luz Do Mundo *crew*, surgida em Feu Rosa, na Serra - ES, que Fredone um dos fundadores, conta, em entrevista, que vem de uma passagem bíblica. A *crew* BCL, de Vitória - ES, não há um nome definido, pois para eles há diversos significados em que “brincam” com a sigla e nomeiam de acordo com as experimentações dos componentes como: *Bando de Cachorros Loucos, Bombardeio Constante Ladrão, Batalhando Contra a Lei*. A *crew* Conexão 301, de Cachoeiro de Itapemirim, representa o bairro em que os integrantes moravam.

A fim de selecionar as escritas das crews, selecionou-se imagens que demonstram como essa escrita na identificação das crews pode ocorrer pela urbe. Na Imagem 1, a *crew* BCL utilizou-se de toda a fachada do prédio como suporte, escrevendo o seu nome, seus componentes ainda realizaram o *bomb* (tipo de escrita com grandes letras arredondadas e expressando certo movimento) que os representa, também se utilizaram dos elementos da pixação (a letra estilizada), observamos como o nome da *crew* se faz importante por 5 vezes repetida. Na Imagem 2, a LDM utilizou o portão de aço, usando spray escreve à maneira do *bomb* as vozes de seus nomes, Fredone Fone utiliza o nome da *crew* que contrata com a cor utilizada no seu *bomb*, a abreviação de Canela - CNL que não pôs o nome da *crew* e Ren que agora escreve Zé!, põe o nome de sua *crew* e seu nome. Em 2018, acompanhei um evento realizado por Monk no bairro de Vila Velha – Cobilândia; na programação haveria batalha de rima, show de hip-hop, porém choveu e não foi possível sua realização como planejado. Neste evento, a *crew* C301 (Imagem 3) escreveu seu nome e cada participante compôs ao seu modo de fazer a letra e os números.



Imagem 1: BCL CREW, Iran, Somall, Ficore e Seda- 2014

Fonte: https://www.instagram.com/p/wqkveYKtOGnUmvZ_Z1SgZI30-LBhmzCgR-FNI0/?hl=en&taken-by=sedabcl



Imagem 2 - LDM crew Ren, Fone e Canela - 2008

Fonte: <https://www.facebook.com/LDMCREW1998/photos/a.188232221253298.46946.188204501256070/1356614881081687/?type=3&theater>



Imagem 3 - C301 - Basi, Moska, Trama e Arme - 2018.

https://www.instagram.com/p/BgNEb4GDtXS/?hl=en&taken-by=basi_c301

A *crew* Mutantes se organizou em 2006; ela apresenta um movimento diferente dos grupos anteriores. Para eles, pintar é uma consequência, eles se consideram um clã. Indago Brtz, em entrevista, sobre como se dá a atividade de sua *crew* para ação de grafitar, e ele me diz:

A intenção até existe, mas os horários não batem. Cada um tem uma responsabilidade pessoal que consome mais o tempo e etc...Acaba que o rolê fica pessoal... Ser uma crew pra gente sempre teve uma relação diferente

Outra componente da cena do graffiti capixaba, a grafiteira Kika - uma das fundadoras do Coletivo Das Mina - relatou sobre a motivação que as levaram a criar um coletivo e não uma *crew*. Para ela, para ser uma *crew*, “o máximo de uma *crew* é espalhar seu nome pela cidade” e o formando um coletivo é que poderiam convidar mais meninas para realizar ações como eventos, que foi o caso do FEME – Festival E Mulheres E. Para Kika, ser amigos é o mínimo para ser um *crew*, portanto a formação do Coletivo, pode unir meninas com um coleguismo em não amizade, com essa relato se adequa a proximidade do Clã da Vila, Mutantes, que primeiramente são amigos, algum grafitam e pixam, outros são a formação de uma irmandade.

A Força Gravitacional - FG Crew, começou na cidade de Serra, no ano de 2010. Seus componentes têm maior preferência pelo figurativo e até o super-realismo. Uma definição de crew, percorre entre amizade e coletivo que realiza ações pela comunidade e um grupo que pinta que graffiti. Essa crew realizou um dos eventos dos maiores eventos de graffiti, no bairro de Feu Rosa, em que convida grafiteiros de todo o país para pintarem o local, chamado Origraffes. Outro exemplo de evento envolvendo crew é a LDM, que realizou 11 eventos com o Mutirão ao Vivo e à Cores. A crew QG- crew foi formada em 2014, no final do recorte temporal desta pesquisa, em Coqueiral de Itaparica, Vila Velha. São amigos de infância que se reuniam em um apartamento abandonado para fazerem rimas e pixar. A crew foi se expandindo e então começaram a realizar ações comunitárias como o Resista Coqueiral, evento no qual recolhem roupas e alimentos para distribuir, oficinas e de spray e ações em praça pública, com hip-hop e graffiti.



Imagem 4 - Mutantes Crew, 2015.

Fonte: <https://www.facebook.com/186316441473385/photos/a.198663273572035.35354.186316441473385/1115152495256437/?type=3&theater>



Imagem 5 - Painel FG crew, 2015.

Fonte: <https://www.facebook.com/fgcrewes/photos/a.1422463937995083.1073741828.1422157131359097/1554751621432980/?type=3&theater>



Imagem 6 - QG crew

Fonte: <https://www.instagram.com/p/BAH0O3nyLal/?taken-by=qgcrew>

Para introduzir-se nos assuntos das chamadas Agendas, caminhamos pela cena de pixação no movimento graffiti. Para isso, é interessante pensar que o surgimento das agendas no suporte muro, também se dá nas réus (modo como eles abreviam a palavra reunião). Os pixadores se reúnem para socializar, conhecer novos pixadores e como uma “lista de chamada”, assinam suas tags (expressão visual que funciona como uma assinatura), desenham seus *bombs* e muitas das vezes a divulgam na internet a *folhinha* fotografada, outro modo de construir a folhinha é dobrando-a de forma a montar quadrados que então os pixadores inserem seu nomes encaixando-as, como a imagem seguir:



Imagem 7 - Réu de Marataízes, 2017

Fonte: <https://www.facebook.com/ViciodeEscrever/photos/a.670384749723604.1073741828.670373389724740/1230563197039087/?type=3&theater>

Em agosto de 2017, participei de uma réu da Vício de Escrever. Eles me convidaram a assinar e pude inserir minha assinatura, que destoa totalmente das outras tags que estão no cartaz.



Imagem 8 - Folhinha Vício de Escrever - 2017

Fonte: <https://www.facebook.com/ViciodeEscrever/photos/a.789484491146962.1073741829.670373389724740/1435116536583751/?type=3&theater>

Para esse fenômeno, que são as réus, recorro a Salles (2017) para refletir a interação informal com o outro, que discorre sobre as consequência da ação sobre o outro, em reuniões de trabalho, de conversas informais que se aproxima do que a réu é capaz de criar:

É interessante observar a consequência dessa ação de um elemento sobre o outro, sob a forma de ramificação de novas possibilidades na rede criação. Ao pensar a criação sob essa perspectiva, mesmo os processos individuais já são em comunidade [...]. Em outras palavras, a criação se dá em meio a uma grande diversidade de interações: conversa com amigos [...] geram novas possibilidades

que podem ser levadas adiante ou não. A rede ganha complexidade na medida que novos nexos são estabelecidos. SALLES (2017, p.111)

As agendas contêm normalmente as *tags*, uma assinatura que os traduz para o movimento. A construção da agenda se dá pela assinatura ou por um *bomb* abreviado, fica à critério do pixador, sua quantidade de tags varia - geralmente realizada em muro - ganha muitas assinaturas o muro que dá maior visibilidade em ruas e avenidas de grande circulação. Sua estética se dá pelo processo de intervenção de cada autor, a assinatura é encaixada de forma a não ultrapassar outra assinatura, encostar em uma assinatura pode ocasionar em relativização a ser avaliado pelos autores em segundo momento. Essa estética então é construída pelo atropelo, que é um código de ética que prevê desentendimentos e ruptura da amizade, dessa forma é importante assinar seu nome sem que haja dúvidas. Sobrepor a assinatura ou rebaixar um nome não é recomendável porém faz parte da disputa dos espaço urbano entre os autores AUGUSTO (2018). Para esse processo de criação das agendas, apresento Salles (2017), que traz uma proximidade da ideia da transgressão:

[...] a natureza de interações na cultura como ações recíprocas, que modificam o comportamento ou a natureza dos elementos nelas envolvidos, supõem condições de encontro, agitação, turbulência e tornam-se, em certas condições, inter-relações, associações, combinações, comunicações etc., ou seja, dão origem a fenômenos de organização. Há algo nas propriedades associadas à interatividade que parece ser importante destacar para compreender as conexões da rede de criação: condições de encontro, influência mútua, algo agindo sobre a outra coisa e algo sendo afetado por outros elementos SALLES (p110, 2017)

As imagens à diante, demonstram as agendas que podemos encontrar pela Grande Vitória:



Imagem 9 - Jardim Tropical, Serra, 2016.

fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1415891795093149&set=t.100008875627851&type=3&theater>



Imagem 10 - Agenda - Centro de Vitória 2015.

Fonte: https://www.instagram.com/p/7wCDSgpIn32eHBUCbxM2tYZdL_kSaWCltpDQA0/?hl=en&taken-by=comandojardan



Imagem 11 - Agenda em Itapuã, Vila Velha, 2015

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1479673902338450&set=pb.100008875627851.-2207520000.1533003181.&type=3&theater>



Imagem 12 - Agenda em Campo Grande, Cariacica, 2018.

Outra intervenção, que chamou atenção por ser realizada em grupo, foi a Sopa de Letrinhas, em 2017. Como pesquisadora, eu participei de um encontro para a realização de uma ‘Sopa’. Ao contrário das agendas, a Sopa se constrói pela união de vários grafiteiros e com o convite de um grafiteiro em especial que “descola” o muro e convida os demais ou o dono de uma propriedade privada convida algum grafiteiro que fortalece os demais, que é o caso da Sopa de Jardim da Penha. A posição dos bombs e personas acontecem com um diálogo informal. Como todas inscrições são conhecidas pelos grafiteiros, eles decidem

como vão ‘fechar’ o muro, alguns marcam no diálogo pedindo preferência pela posição mais alta, buscando maior visibilidade pelo seu trabalho e outros pensam em como encaixar o seu nome/bomb de forma que não destoe do restante do muro por ter um *bomb* mais comprido ou mais espalhado. Alguns usam da estratégia de escolher uma cor mais quente ou gritante que se destoe. Para alcançar todas as partes do muro, alguns grafiteiros conseguiram uma escada, mais tarde, resolveram alugar andaimes e dividiram o valor com todos.



Imagem 13a e 13b - Muro escolhido, Muro em construção. Acervo pessoal, 2017.

Por motivo de morar distante de São Torquato e a finalização do muro ter ficado pronta pela noite, o registro que tive da finalização foi feito no dia seguinte, postado pelo grafiteiro Basi.



Imagem 14 - Sopa de letrinha finalizada em São Torquato, Vila Velha.

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1714853698820468&set=pb.100008875627851.-2207520000.1533084470.&type=3&theater>

Após o meu encontro com essa ação, comecei a me dedicar a procurar por outras Sopas pela região. Pesquisando principalmente nas redes sociais de grafiteiros locais, consegui descobrir outras Sopas e trazê-las ao relatório e principalmente notar que as sopas é uma ação que foi introduzida recentemente pelo ano de 2014 e poucas vezes repetidas ao efetuar essa pesquisa. De acordo com Gentil componente da *crew* LDM, o pouco conhecimento da população sobre o graffiti faz com que a população capixaba não libere

muros para essa finalidade, pois não querem a sua propriedade atrelada a uma arte das ruas ou do vandalismo. Além disso, tem-se duas questões que envolve a pouca repetição: o alto valor da tinta, nem todos os grafiteiros têm acesso ou condição financeira junto ao momento da realização da sopa; O recente boom de compositores da cena do graffiti se dá por volta dos anos 2011 e 2013 e o aparecimento dessa ação se dá por volta de 2014. À seguir imagens das sopas que se encontrou.



Imagem 15: Sopa Jardim da Penha - 2016

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1578865699085936&set=pb.100008875627851.-2207520000.1533084530.&type=3&theater>



Imagem 16 - Sopa Cobilandia - Vila Velha 2015

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1448962602076247&set=pb.100008875627851.-2207520000.1533084609.&type=3&theater>



Imagem 17 Sopa - Jacaraípe Serra 2015
<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1419116241727550&set=pb.100008875627851.-2207520000.1533084790.&type=3&theater>

5 – Conclusões:

As intervenções urbanas estão para a arte como um questionamento de validação, pois é na decisão do olhar do público faz com a arte seja democratizada e alcance experiências com o sujeito transeunte, com isso, é nota-se que o movimento graffiti está em constante transformação, e a cultura de arte urbana no Espírito Santo está se consolidando, intensificando suas práticas como a Sopa de Letrinhas, agendas, eventos e réus por meio de suas crews.

O movimento do graffiti é fluido e angaria novos membros todo o tempo, com isso identificar as crews foi um desafio constante principalmente por se tratar de um ato ilegal em que nem todos se propunham a falar. Foram momentos de grande interação e que pude conhecer o movimento de perto, sua nuances, seus processos, o deambular e a interação.

6 – Referências:

FRANCO, Sérgio. Ideografias da Metrópole: Grafiteiros e Pixadores representando o contemporâneo. Dissertação apresentada à faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Sob orientação da Profa Dra Maria Vera Palamin da Universidade de São Paulo - USP. 2009.

AUGUSTO, Tuani. Graffiti: um estudo da consolidação da cena da pixação em Vitória. Dissertação apresentada ao Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, sob orientação do Prof. Dr. Ruy Sardinha Lopes. São Carlos, 2018. 148p

KNAUSS, Paulo. Raízes e Rumos: Perspectivas interdisciplinares em estudos americanos : Seleção de Capítulo: Grafite Contemporâneo. Organizado por Sônia Torres. Editora 7 Letras. Rio de Janeiro. 2001.

PEREIRA, Lamounier. A aura da obra de arte pública: uma análise das intervenções artísticas no espaço urbano a partir do conceito bejaniano de aura. II Seminário Internacional sobre Arte Público en Latinoamérica - Arte Público y Espacios Políticos: Interacciones y fracturas en las ciudades latinoamericanas?. Volume I. C/Arte Projetos Culturais. Vitória - ES. 2011.

PINHEIRO, Luizan. Grafite: submissão, asfixia e blá, blá, blá. 16º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores de Artes Plásticas Dinâmicas Epistemológicas em Artes Visuais - ANPAP. Florianópolis. 2007.

SALLES, Cecília de Almeida. Processo de Criação em grupos: Diálogos. Editora Estação das Letras e Cores. São Paulo. 2017.